



PLÁCIDA DESESPERANÇA DA VIDA ADULTA: *O REI PÁLIDO*, DE DAVID FOSTER WALLACE

PLACID HOPELESSNESS OF ADULTHOOD:
THE PALE KING, BY DAVID FOSTER WALLACE

WALLACE, DAVID FOSTER. *O REI PÁLIDO*: UM ROMANCE
INACABADO. TRADUÇÃO DE CAETANO W. GALINDO. SÃO PAULO:
COMPANHIA DAS LETRAS, 2022, 599P.

Diego Gomes do Valle*

* diego.valle@uffs.edu.br
Doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp.

*“[...] Aguardamos, predigo, o herói da **ina**ção, o herói catatônico, o que
está além da calma, divorciado de todo e qualquer estímulo [...]”*

(WALLACE, 2014, p.147, grifo do autor)

*“Que atividades entediadas se tornam, perversamente, muito menos
entediadas se você se concentra bastante nelas”*

(WALLACE, 2014, p. 210)

O rei pálido: Um romance inacabado? O subtítulo do romance de David Foster Wallace nos instiga a perguntar: até que ponto um romance pode ser “acabado”? Desde Bakhtin, sabemos que é próprio do gênero romanesco o “inacabamento”, a abertura em todos os níveis, especialmente ao domínio do acabamento estético proporcionado pelo outro, no caso, o leitor. É inacabado na medida em que, na condição de romance póstumo, Wallace não teve oportunidade das muitas revisões que, embora o empreendimento já durasse pelo menos dez anos, certamente ocorreriam depois daquele 12/09/2008; é inacabado porque, conforme o material que está no “Harry Ransom Humanities Research

Center”, da Universidade do Texas, que vem sendo consultado por estudiosos contemporâneos, muitas tramas e personagens do romance teriam amplitudes que, neste momento, podemos somente inferir, ou, simplesmente, trabalhar com o que temos (que já é muito e excelente). Contudo, cumpre lembrar que, a julgar pelo que ocorreu com *Graça infinita* (2014), se Wallace tivesse acabado o romance aqui em pauta, talvez tivéssemos novo inacabamento com interferência editorial. Lorin Stein diz: “O trabalho de Pietsch em *Graça infinita* já foi muito louvado. Wallace elogia não apenas a proeza de cirurgia a laser no corte de ‘duzentas ou trezentas páginas’ de um romance cheio de subenredos microscópicos e referências cruzadas [...]” (BURN, 2021, p. 178). Como seria versão final de *Almas mortas* (1842), de Gógol, ou a versão de *O processo* (1925) curada pelo próprio Kafka e não Brod? Como seria o *Graça infinita* antes de tais cortes de Michael Pietsch, encarregado de editar *O rei pálido*? Como nunca o saberemos, então, na presente resenha daremos *certo acabamento* à obra.

O livro foi editado em cinquenta capítulos, que ocupam 562p., “Notas e apartes” e “Quatro cenas previamente inéditas de *O rei pálido*”. Se *Graça infinita* é um romance sobre o entretenimento, *O Rei pálido* trata da face complementar: o tédio. Todo o romance gira em torno do Centro Regional de Análise do IRS, em Peoria, local que faz a gestão

das declarações de imposto de renda, com toda a dinâmica detalhada exaustivamente, como é comum nos textos de Wallace. Dezenas de personagens são apresentados por múltiplos narradores, em temporalidades distintas e que, aos poucos, vão tendo suas histórias cruzadas para que finalmente se unam no Serviço, termo que designa o Centro Regional. Esses mesmos personagens possuem passados traumáticos, os quais, fragmentariamente, são aludidos ou explorados intensamente. A paranoia já conhecida nos romances anteriores e num Pynchon também constitui grande parte dos personagens, que se caracteriza pela autoconsciência que desdobra em indefinidas camadas na relação com o outro. A quem conhece a estética de Wallace, não há grande novidade até agora.

A presença costumeira de espectros e fantasmas¹ na obra de Wallace se repete aqui com Garrity e Blumquist, esse último morreu trabalhando e só perceberam quatro dias depois. Certamente, esses seriam personagens cujas atuações no romance teriam sido complexificadas por Wallace, pois possuem um potencial maior de interação do que o apresentado. Da mesma maneira, a inserção de David Wallace (duplicado, inclusive, na trama) seria (já é, em certo sentido) um dos maiores trunfos do romance. O famoso “Prefácio do autor”, que só ocorre no capítulo 9, traz um “efeito de real” que flerta, parodia e supera certa

1. Hering (2017), estudando a presença constante de fantasmas na obra de Wallace, atribui a esses personagens um lugar da posição autoral na ficção de Wallace, introduzindo voz monológica na zoeira polifônica e revisando o postulado da crítica pós-estruturalista, à la Barthes, que versa sobre a morte do autor. Assim, no caso, por exemplo, de *Graça infinita*, o fantasma de Jim seria um porta-voz das ideias de Wallace, do qual emanaria todo o enredo polifônico do romance.

tendência metaficcional com a qual, como se sabe, Wallace mantinha uma tensa e crítica relação. Diz assim o narrador: “Tudo aqui é verdade. Este livro é real de verdade” (WALLACE, 2022, p. 80); evoca os termos legais presentes no livro físico, em seus elementos pré-textuais: “Os personagens e as situações desta obra...” (*Ibidem*). Cabe recordar que uma das maiores influências de Wallace, Dostoiévski, em *Memórias do subsolo* (1864), diz precisamente o contrário em nota pré-textual, mas com efeito semelhante: “Tanto o autor como o texto destas memórias são, naturalmente, imaginários” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 14). Ao se insistir no elemento verídico, Wallace retoricamente nos lembra do ficcional, pois tudo ali é *facto*. Ademais, em uma das quatro cenas inéditas do romance, vemos ainda mais evidente o pastiche de *Memórias do subsolo*: “Eu sou um bandido. Nunca fui outra coisa” (WALLACE, 2022, p. 578), emulando o início da obra do russo: “Sou um homem doente... Um homem mau” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 15). A dinâmica de diálogo tenso com o leitor;² a discussão em torno dos “homem de ação” e “homem de ideias”; a “consciência hipertrofiada” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.22);³ a presença da burocracia como elemento fundamental nas duas obras.

O “autor-aqui” David Wallace⁴ define burocracia numa nota de rodapé⁵ de modo extenso e preciso, incluindo uma

definição de dicionário, da qual retiramos o excerto: “Um sistema administrativo em que a necessidade ou o desejo de seguir procedimentos complexos impede a ação efetiva, fecha aspas” (WALLACE, 2022, p. 94). Já nos elementos pós-textuais incluídos pelo editor, no “Esqueleto embriônico do romance” Wallace planejava: “Questão central: Realismo, monotonia. A trama é uma série de preparações para coisas que vão acontecer, sem que nada aconteça de fato” (WALLACE, 2022, p. 571). Inevitável não recordar de *O castelo*, de Kafka, que parece dar a ambiência de *O rei pálido*.

Nesse sentido, se Vargas Llosa, em ensaio célebre defendendo o gênero romanesco, comenta que as grandes obras nos legam adjetivos (o quixotesco, o orwelliano, o sádico etc.), ao lado do absurdo kafkiano, encontramos o *tédio wallaceano*. Em entrevista para Steve Poulson, em 2004, diz Wallace: “Eu apenas me interessei pela realidade do tédio, que é algo que me parece ser um problema extremamente importante, mas ninguém fala disso porque todos nós agimos como se fosse algo que a gente precisasse superar, o que imagino que seja o caso” (BURN, 2021, p. 233).

Como evidenciam as epígrafes desta resenha, o tema do tédio e também da inação já haviam figurado em *Graça*

2. “Eu não me importo muito se você gosta ou não de mim” (WALLACE, 2022, p. 580).
3. “Eu era presciente da minha compreensão do mundo” (WALLACE, 2022, p. 579).
4. O conto “Good old neon”, do livro *Oblivion* (2004), também apresenta a figura do autor-personagem David Wallace, além de aproveitar o tema do fantasma.
5. Tinha que ser.

infinita, especialmente quando associados ao entretenimento viciante. Prossegue Wallace na mesma entrevista:

É, mas provavelmente é também a vida de um apresentador de rádio e, em muitos casos, a vida de quem trabalha em escritórios, que a gente imagina que tem trabalhos muito chatos e monótonos. Provavelmente todos os trabalhos são iguais e cheios de um tédio horrível e de desespero e de pequenos momentos de realização que são bem difíceis de contar para outra pessoa. É só um palpite meu (BURN, 2021, p. 234).

Assim, é em *O rei pálido* que o tema seria abordado e aprofundado. Contudo,

O problema surgiu quando ele tentou dramatizar essa ideia. Como você escreve sobre o tédio sem ser tedioso? A solução óbvia, se você tivesse as predileções de Wallace, era sobrecarregar esse assunto aparentemente inerte com todo o movimento de seu pensamento. (MAX, 2013, p. 281, tradução nossa).⁶

O desafio, de fato, era enorme, pois a matéria narrativa destes *heróis da inação* (como Hal Incandenza conceituou) é acachapante. D.T. Max acerta ao apontar o “movimento de seu pensamento” como solução única; algo que já encontramos em Joyce, como Beckett apontou:

Aqui [em *Finnegans Wake*] a forma é conteúdo, e conteúdo é forma. Os senhores queixam-se de que esse material não é escrito em inglês. Não está escrito de forma alguma. Nem é para ser lido – ou antes não é só para ser lido. É para ser contemplado e ouvido. Essa escrita não é *sobre* alguma coisa; é a coisa em si. [...] Quando o sentido é dormir, as palavras adormecem. [...] Quando o sentido é dança, as palavras dançam. (BECKETT, 1992, p.331, itálicos do autor).

Quando o sentido é tédio, as palavras entediam... Porém, da mesma maneira que as palavras depressivas deprimem, mas nos desautomatizam quanto a essa realidade, ou quando as palavras suicidas, da mesma maneira, não nos incentivam ao ato fatídico (pelo menos em tese), mas nos recobrem de intensa empatia humana por destinos assim, as palavras entediantes de *O rei pálido*, quando representadas no “movimento do pensamento” múltiplemente focalizador de Wallace, tornam-se absolutamente envolventes e nos despertam para uma atenção (tópico fundamental no romance) ao outro. Contudo, correr-se-ia o risco, com tal estratégia, de se destruir a verossimilhança do romance, conforme aponta o mesmo Max: “Wallace podia tornar os personagens vibrantes, mas apenas com o risco de sacrificar o que tornava sua situação digna de ser narrada – a quietude no centro de suas vidas” (MAX, 2003, p. 281, tradução nossa)⁷. No breve ensaio sobre o humor

6. “The problem came up when he tried to dramatize this idea. How do you write about dullness without being dull? The obvious solution, if you had Wallace’s predilections, was to overwhelm this seemingly inert subject with the full movement of your thought”.

7. “Wallace could make the characters vibrant, but only at the risk of sacrificing what made their situation worth narrating – the stillness at the center of their lives”.

de Kafka, Wallace aponta que a juventude dos EUA pouco consegue acessar do humor kafkiano, pois sua cultura os “treinou para ver piadas como entretenimento e entretenimento como conforto” (WALLACE, 2012, p. 234). Desse modo, só depois de experimentar a dimensão existencial perniciosa do entretenimento em *Graça infinita*, estamos prontos para nos entretermos, em outro nível, com o tédio desconfortável de *O rei pálido*. No diálogo mais polifônico⁸ do romance, alguém diz: “Às vezes o importante é o tédio. Às vezes dá trabalho. Às vezes as coisas importantes não são obras de arte pra sua diversão, X” (WALLACE, 2022, p. 154). E a conclusão a que chega o leitor-modelo do romance: “É a chave da vida moderna. Se você é imune ao tédio, não há literalmente nada que você não possa conquistar”. (*Ibidem*, p. 461).

A grande questão, para Wallace, é justamente se inserir em um meio cultural em que o estadunidense médio não parece disposto a sair de sua zona de conforto na qual somente o entretenimento apaziguador e escapista tem vez. No diálogo polifônico já aludido, diz-se: “não acho que a nação americana hoje em dia seja infantil, mas sim adolescente – quer dizer, ambivalente no seu desejo tanto de estruturação autoritária quanto do fim da hegemonia paterna” (*Ibidem*, p. 163), o que vai ao encontro do que o Wallace-ensaísta, no já citado texto sobre Kafka, diz:

Uma forma grosseira de definir o problema [da incompreensão do humor kafkiano] é dizer que nossa cultura atual, de um ponto de vista histórico e de desenvolvimento, é adolescente [...] não fica difícil entender por que nós, como cultura, somos tão suscetíveis à arte e ao entretenimento cuja função primordial é escapar, isto é, a fantasia, a adrenalina, o espetáculo, o romance etc. (WALLACE, 2012, p. 234).

Um outro aspecto importante da obra é a influência da metaficção de Jorge Luis Borges, o qual é evocado na epígrafe do romance, mas não é só isso. Um dos personagens centrais, Claude Sylvanshine, possui uma habilidade especial: ser médium de fatos, síndrome IFA (“Intuição de Fatos Aleatórios” (WALLACE, 2022, p. 134), para quem informações irrelevantes e desconexas ocupam praticamente toda a atividade psíquica. Semelhantemente a Funes, o memorioso – personagem de Jorge Luis Borges –, temos a esmagadora consciência absurdamente fatiada de Funes, mas “suspeito, no entanto, que não era muito capaz de pensar. Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair. No abarrotado mundo de Funes não havia mais do que detalhes, quase imediatos” (BORGES, 1980a, p.484, tradução nossa).⁹ Na dinâmica do trabalho com impostos, Sylvanshine aprende que: “Informação per se na realidade é apenas uma medida de desorganização”. A cabeça de Sylvanshine se ergueu de súbito ao ouvir isso”

8. Diálogo este a respeito das temáticas desenvolvidas por Marathe e Steeply, no crepúsculo e pela vista montanhosa de Tucson, em *Graça infinita*, mas com uma profundidade que não se encontra no romance anterior: entretenimento, liberdade, democracia, individualismo, tédio e condição humana trágica são tópicos presentes aqui nesse grupo que faz parte do Serviço de Impostos.

9. “Sospecho, sin embargo, que no era muy capaz de pensar. Pensar es olvidar diferencias, es generalizar, abstraer. En el abarrotado mundo de Funes no había sino detalles, casi inmediatos”.

(WALLACE, 2022, p. 362). Outra abordagem borgeana é quando o autor-aqui David Wallace busca rememorar a chegada ao campo de atuação junto ao Serviço, que se assemelha muito à descrição do Aleph, em conto homônimo, feita pelo narrador-autor-aqui-Borges:¹⁰

Estou tentando me manter fiel à lembrança da própria experiência, embora não haja como evitar uma descrição sucessiva de vários elementos que, na ocasião, foram obviamente simultâneos – certas distorções são simplesmente parte e resultado da linguagem linear. (WALLACE, 2022, p. 302).

O mesmo narrador se refere ao espaço físico do Serviço em termos similares à Biblioteca de Babel, de Borges, mencionando “labirinto de corredores” (WALLACE, 2022, p. 308) e “células praticamente hexagonais” (*Ibidem*, p. 314), configurando a babélica, polifônica, entediante e burocrática realidade de *O rei pálido*, na qual o desafio é manter-se humano dentro dela, quando o que se exige é mais próprio da máquina.

Aguardemos o impacto dessa obra, agora vertida para o nosso idioma.

REFERÊNCIAS

BECKETT, Samuel. “Dante... Bruno. Vico... Joyce”. In. NESTROVSKI, Arthur [Org.]. **Riverrun**: ensaios sobre James Joyce. Tradução do ensaio feita por Lya Luft. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

BORGES, Jorge Luis. “Funes, el memorioso”. In. _____. **Prosa completa** (v.1). Barcelona: Bruguera, 1980a.

BORGES, Jorge Luis. “El Aleph”. In. _____. **Prosa completa** (v.2). Barcelona: Bruguera, 1980b.

BURN, Stephen J. (Org.). **Um antídoto contra a solidão**: conversas com David Foster Wallace. Tradução de Sara Grünhagen e Caetano W. Galindo. Belo Horizonte: Âyiné, 2021.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memórias do subsolo**. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Ed. 34, 2000.

HERING, David. “Reading the Ghost in David Foster Wallace’s Fiction”. **Orbit: A Journal of American Literature**, 5(1): 4, 2017, pp. 1–30, DOI: <https://doi.org/10.16995/orbit.208>. Disponível em: <<https://orbit.openlibhums.org/article/id/465/>> Acesso em: 17 Jan. 2023.

10. “Arribo, ahora, al inefable centro de mi relato; empieza, aquí, mi desesperación de escritor [...] Lo que vieron mis ojos fue simultáneo: lo que transcribiré, sucesivo, porque el lenguaje lo es” (BORGES, 1980b, p.121). “Chego, agora, ao inefável centro de meu relato; começa, aqui, meu desespero de escritor [...] O que viram meus olhos foi simultâneo: o que transcreverei, sucessivo, porque a linguagem o é” (Tradução nossa).

MAX, D.T. **Every Love story is a ghost story**: a life of David Foster Wallace. New York: Penguin Books, 2013.

WALLACE, David Foster. **O rei pálido**: Um romance inacabado. Tradução de Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

_____. **Graça infinita**. Tradução de Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. "Alguns comentários sobre a graça de Kafka dos quais provavelmente não se omitiu o bastante". In.

_____. **Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo**. Tradução de Daniel Galera e Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Recebido em: 20/01/2023.

Aceito em: 10/10/2023.